

# Vinicius de Moraes/Antonio Carlos Jobim – O planalto deserto

No princípio era o ermo  
Eram antigas solidões sem mágoa.  
O altiplano, o infinito descampado  
No princípio era o agreste:  
O céu azul, a terra vermelho-pungente  
E o verde triste do cerrado.  
Eram antigas solidões banhadas  
De mansos rios inocentes  
Por entre as matas recortadas.  
Não havia ninguém. A solidão  
Mais parecia um povo inexistente  
Dizendo coisas sobre nada.  
Sim, os campos sem alma  
Pareciam falar, e a voz que vinha  
Das grandes extensões, dos fundões crepusculares  
Nem parecia mais ouvir os passos  
Dos velhos bandeirantes, os rudes pioneiros  
Que, em busca de ouro e diamantes,  
Ecoando as quebradas com o tiro de suas armas,  
A tristeza de seus gritos e o tropel  
De sua violência contra o índio, estendiam  
As fronteiras da pátria muito além do limite dos tratados.  
– Fernão Dias, Anhanguera, Borba Gato,  
Vós fostes os heróis das primeiras marchas para o oeste,  
Da conquista do agreste  
E da grande planície ensimesmada!  
Mas passastes. E da confluência  
Das três grandes bacias  
Dos três gigantes milenares:  
Amazonas, São Francisco, Rio da Prata ;

Do novo teto do mundo, do planalto iluminado  
Partiram também as velhas tribos malferidas  
E as feras aterradas.  
E só ficaram as solidões sem mágoa  
O sem-termo, o infinito descampado  
Onde, nos campos gerais do fim do dia  
Se ouvia o grito da perdiz  
A que respondia nos estirões de mata à beira dos rios  
O pio melancólico do jaó.  
E vinha a noite. Nas campinas celestes  
Rebrilhavam mais próximas as estrelas  
E o Cruzeiro do Sul resplandecente  
Parecia destinado  
A ser plantado em terra brasileira:  
A Grande Cruz alçada  
Sobre a noturna mata do cerrado  
Para abençoar o novo bandeirante  
O desbravador ousado  
O ser de conquista  
O Homem!

**Vinicius de Moraes/Antonio Carlos Jobim, Brasília, Sinfonia da  
Alvorada**